

## “DA PRAIA À REDAÇÃO”: A VERSÃO BRASILEIRA DA REVISTA ROLLING STONE PIRATA (1972-1973)

Patrícia Marcondes Barros<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo tratar da imprensa alternativa brasileira relacionada à contracultura, na fase ditatorial, em fins da década de 60. Tomaremos como mote dessa discussão a revista *Rolling Stone*, que teve sua primeira versão brasileira publicada em 1972, relacionada ao movimento da contracultura. Este movimento teve caráter eclético, simultaneamente místico e político, que emergiu contextualmente nos anos 60 e 70, como resposta crítica frente às ilusões do capitalismo e pelo rigoroso sistema tecnocrático. Seu caráter político ganhou visibilidade nos Estados Unidos, através da luta integrada pelos direitos civis dos negros, homossexuais e mulheres, da inserção do jovem como importante ator social, do pacifismo e do pensamento ecológico. Apesar de sua morte prematura, a revista influenciou outras importantes publicações alternativas.

**Palavras-chave:** Jornalismo, história, imprensa alternativa, revista Rolling Stone, contracultura.

**Abstract:** The aim of this paper is to study countercultural alternative press during the Brazilian dictatorship, at the end of the 1960's. The research's core is the Brazilian version of Rolling Stone magazine, first published in Brazil in 1972, closed linked to counterculture movement with its mystic, political and eclectic characteristics. It appeared during the 1960's and the 1970's as a critical answer to the illusions of capitalism and to the rigors of technocracy. Its political characteristics had visibility in the United States through the fight for the social rights of blacks, gays and women, as well as for the claim for a more important political role for young people. This movement also supported pacifism and ecology. Despite its premature death, the magazine influenced other important alternative publications.

**Keywords:** Journalism, history, alternative press, Rolling Stone magazine, counterculture.

### Introdução

Ficava no segundo andar de um sobrado cor-de-rosa na esquina de Visconde de Caravelas com Conde de Irajá. Das janelas da redação, via-se o Corcovado e tudo parava no final da tarde para um sorvete e outras guloseimas menos legais. O chão era de tábuas corridas e rangia. O banheiro tinha um pequeno nicho a São Jorge, Iemanjá, Buda e Shiva.

Num extremo do sobrado, ficava o santo dos santos: o escritório dos donos, um inglês e um americano muito festeiros.

Só os chefes - Luís Carlos Maciel, editor, Lapi, diretor gráfico – tinham acesso a ele. Fui lá uma vez: assinaram minha carteira de trabalho estalando de nova, a primeira anotação da minha vida.

No outro extremo, ficava a redação. A primeira sala era de Lapi. Parte do meu trabalho era manter Lapi feliz e sossegado, o que nem sempre era fácil considerando a noção vaga de “tempo”, “prazo” e “pauta” que reinava na outra sala, um cômodo de janelas enormes, eternamente fechadas.

Este era o império de Ezequiel Neves, que às vezes respondia por Zeca Jagger e era, na verdade, o coração, a força motriz e o verdadeiro Shiva dançante de todo o sobrado. Zeca tinha uma juba encaracolada, um perpétuo bronzeado e uma lampadinha no pescoço. Várias vezes ao dia eu era chamada aos berros de

---

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda em Educação (Universidade Católica de Santos- bolsista CAPES/PNPD, supervisão da Profa. Dra. Maria Amélia Santoro Franco – USP/UCS) com trabalho sobre juventude, educação e pós-modernidade. Doutora e Mestre em História (Universidade Estadual Paulista-UNESP). E-mail: [patriciamarcondesdebarros@gmail.com](mailto:patriciamarcondesdebarros@gmail.com).

“garotiiiiiiiiinhaaaaaaaaaa” ou “Aniiiiiiinhaaaaa”. Em geral, o que me aguardava era uma aula prática de jornalismo rock.

A crueldade que Zeca reservava aos grandes era comparável apenas à ternura que ele guardava para os pequenos. Nenhuma banda local era obscura demais, nenhum guitarrista principiante demais para merecer sua mais devotada atenção.

Seus acólitos nesse ofício eram Okky de Souza, com cachinhos de querubim barroco; o repórter volante Dropê, sempre com um relato detalhado dos últimos acontecimentos; e o eternamente *on the road* Joel Macedo.

Se Zeca era a pilha, Maciel era o córtex cerebral do sobrado, pairando com uma calma *zen* sobre o festivo caos mal controlado que flutuava sobre as tábuas rangentes. Nenhuma crise - A polícia vai dar batida! A edição foi recolhida pela censura! Acabou o contrato com Jan Wenner! – era suficiente para abalar o Maciel.

Fora isso, Maciel sorria, tentava discutir com Zeca (impossível) e me ensinava o que eu pedia para aprender. Minhas tarefas consistiam inicialmente em marcar as laudas de matéria para a gráfica, recolher o material de ilustração, manter Lapi feliz e responder às cartas dos leitores, o que era quase uma psicanálise.

Como eu sabia muito bem, os leitores se julgavam donos da revista, sócios, conspiradores. E eram. Dois escreviam quase toda semana: uns tais Jamari França e José Emílio Rondeau. Eu reclamava com Maciel: esses caras estão monopolizando as cartas!<sup>2</sup>

O presente artigo tem como objetivo analisar a imprensa alternativa brasileira e seu importante papel não apenas na luta contra o regime militar, mas também na divulgação de valores relacionados ao movimento internacionalista denominado pela imprensa norte-americana em meados da década de 60, como contracultura. Especificamente, tomar-se-á como eixo norteador dessa análise a primeira versão brasileira da revista de música e comportamento *Rolling Stone*.

A matriz dessa produção surgiu em novembro de 1967, em São Francisco (EUA), por Jann Wenner e Ralph J. Gleason. Wenner entusiasmado com o filme “Os Reis do Iê-Iê-Iê” (1964), estrelado pelos integrantes dos *Beatles*, afirmou que o rock tinha mudado sua vida. A partir de então começou a produzir a revista com 7.500 dólares coletados junto a amigos e, de interesse pessoal, a iniciativa passou a ser lucrativa, atingindo seu ápice de vendas ao abordar assuntos como arte e política. Tornou-se um marco dentro da imprensa musical e muito famosa mundialmente até a atualidade. Apesar das características voltadas para o público *underground*, o editor Jann Wenner negava, desde o início da revista, que tivesse uma postura condizente com seu público (OLIVEIRA,

---

<sup>2</sup>BAHIANA, Ana Maria. **A revista Rolling Stone brasileira**. Digestivo Cultural. Disponível em <http://www.digestivocultural.com/ensaios/> Acesso em 26/03/2015.

2011, p.51). Na concepção do pesquisador e professor de música Simon Frith, a revista *Rolling Stone* começou com uma proposta de ligar os interesses da ideologia libertária do rock com as demandas promocionais da indústria musical (*apud* OLIVEIRA, 2011, p.52).

A revista em sua versão brasileira foi lançada por Luiz Carlos Maciel, em fevereiro de 1972, com o mesmo título da matriz americana, tendo como intuito não apenas divulgar informações acerca dos grandes astros da música *pop* internacional e nacional, como também discutir literatura, cinema, filosofia, comportamento, sexualidade, drogas, entre outros assuntos em voga. Foi uma publicação inicialmente mensal, voltada para ao rock e o contexto da contracultura que passou, posteriormente, a ter uma periodicidade semanal, persistindo até o trigésimo sexto número, lançado em 1973. Pode-se afirmar que foi uma das precursoras do gênero no país, ganhando visibilidade na época (o que não era tão comum, tratando-se de imprensa alternativa), e abriu caminho para outras publicações que ambicionavam tratar de assuntos não veiculados pela imprensa oficial. Contudo, não obteve o mesmo êxito mercadológico da matriz norte-americana, falindo nos primeiros números.

### **“Das praias para à redação”: a difusão, distribuição e recepção da revista *Rolling Stone* brasileira**

O projeto da revista começou no ano de 1971, quando Maciel, ainda responsável pela publicação da coluna *Underground* (1969-1971) dentro do semanário *Pasquim*, foi convidado por Michael Killingbeck a ter os direitos da revista *Rolling Stone*, que já era um grande sucesso nos Estados Unidos, para editá-la no Brasil. Lançou então um número experimental, o número zero, em novembro de 1971.

Sobre o convite, Maciel afirma que:

(...) Mick foi no *Pasquim* e me chamou para ser editor da *Rolling Stone* brasileira, pois eu era ligado no assunto devido à coluna *underground*, e eles precisavam de um jornalista brasileiro, que fosse o diretor responsável pela publicação. Daí eu topei e começamos a fazer. Eu reuni uma turma bem eclética: o Ezequiel Neves que ficava lá o dia todo, escolhendo as matérias e discutindo a pauta comigo. O Gabriel O. Meara, que só aparecia lá na redação para entregar matéria. Agora o Ezequiel e a Ana Maria Bahiana participaram ativamente. O Mautner aparecia sempre para visitar a redação e acabava escrevendo sobre qualquer coisa.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> BARROS, Patrícia Marcondes. **A Nova Consciência nos Trópicos e a Imprensa do Desbunde** (entrevista com Luiz Carlos Maciel). [http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras\\_marginalia9.php](http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_marginalia9.php). Acesso em 26/03/2015.

A redação ficava na Rua Visconde de Caravelas, 73, Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Inicialmente, teve como administradores o inglês Michael Killinbeck e o norte-americano Theodore George, que firmaram contrato e se dispuseram a pagar pelas matérias. Contudo, o pagamento não teria ocorrido e, depois de dois meses, o material para a revista não chegava mais.

A opção dentro deste contexto foi a de escolher as matérias que interessavam na *Rolling Stone* norte-americana, como também, em outras revistas de rock, traduzi-las e recortar as fotos. A *Rolling Stone* foi pirata desde os primeiros números, e teve como público-alvo os fãs de rock antenados com o movimento de contracultura, que não eram tantos assim no Brasil, para tirar a revista das oscilações financeiras. Ezequiel Neves comenta sobre o início da revista, sua incursão e, sobretudo, as oscilações financeiras:

[...] Eu ouvi falar com Maciel, que dois gringos tinham comprado os direitos da *Rolling Stone* para o Brasil e iam fazer a revista que seria quinzenal. Daí eu disse: “Eu vou até me mudar para lá”. E conversei com os donos da revista: “Olha eu sei que vocês vão pechinchar salário e tudo. Mas tudo bem! Eu ganho um dinheiro no *Jornal da Tarde*, mas não teria dinheiro para ir para o Rio, então vocês ficam responsáveis pelo seguinte – vocês vão pagar o aluguel do meu apartamento. O dia em que vocês deixarem de pagar eu saio da revista.” E isto foi cumprido. Porque a *Rolling Stone*, para falar a verdade, faliu no número zero. Com o “zero” de dinheiro que tinha, com os sócios, os dois gringos que gastaram tudo na edição de número zero, aquela, com a Gal Costa na capa. E a distribuição era muito ruim. Você não encontrava a *Rolling Stone* nas bancas. Só maluco mesmo que comprava! Mas mesmo assim foi um momento muito feliz da minha vida. O Maciel às vezes não conseguia escrever, tipo “bloqueio”, mas sempre estava cheio de ideias. Na revista *Rolling Stone*, eu cuidava da parte do rock. Mas a revista era maior, aberta para as coisas novas. Foi a primeira revista brasileira que publicou coisa, por exemplo, sobre o Castañeda. E também foi uma revista com escândalo, porque a gente conseguiu colocar para fora um delegado SAFADO que eu esqueci o nome dele. Tinha um jornalista maravilhoso que levantou a vida do cara. [...] Mas há muita ficção a respeito da revista, eu mesmo inventava até discos que não existiam, faixa a faixa (risos).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> BARROS, Patrícia Marcondes de. **O jornalismo rocker no Brasil perde seu grande entusiasta: Ezequiel Neves**. Acesso em 26/03/2015. <http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/component/content/article?id=773:ezequiel-neves>

A iniciativa de fazer uma edição experimental, a de número zero, para atrair anunciantes, principalmente as gravadoras, não funcionou. Frente às adversidades financeiras, tal edição tornou-se raridade já na época de sua produção (Cf. OLIVEIRA, 2002), tanto que não havia nem possibilidade de negociação a baixo custo: “Vendo o número zero da *Rolling Stone* em perfeíssimo estado por 100,00 sem contra oferta”.<sup>5</sup>

Segundo Oliveira (2002), havia falsos rumores sobre a compra por gravadoras americanas, das ações da revista:

[...] É inteiramente falso o boato de que uma das maiores gravadoras americanas comprou a *Rolling Stone*. Também não há nenhuma verdade no rumor de que a *Rolling Stone* está de alguma forma ligada à referida companhia, ou a qualquer outra gravadora brasileira ou americana. Além disso, a *Rolling Stone* não está sendo financiada por uma firma editora americana, que teria o propósito de fazer uma pesquisa realista de mercado no Brasil, nem a dita editora está em negociações para comprar uma das mais novas firmas editoras de São Paulo.<sup>6</sup>

Apesar da crise econômica, a revista foi ganhando certa notoriedade e tinha até assinaturas, oferecidas em promoções para os leitores: “Assine e ganhe um LP”. Podia ser o *Barra 69* de Caetano e Gil ou *Schools Out* de Alice Cooper ou ainda *Exile On Main Street* dos *Rolling Stones* (OLIVEIRA, 2002).

Sobre o esquema comercial da proposta brasileira, Maciel afirma que:

[...] A maneira que eu absorvia aquilo deveria ser a mesma dos leitores da contracultura. Eu acho que esse “transplante cultural” se desvirtua, esse que eu vivi, como tudo na vida que envolve o vil metal. Quando aquilo é utilizado para ganhar dinheiro, para promoção comercial, aí então é que vêm as distorções de tudo, pelo processo indiciado pelo objetivo da grana, então não fica uma coisa autêntica. Fica uma coisa para faturar no mercado. [...] Então as gravadoras, principalmente a Phonograma e a Continental, as duas estavam lançando muito rock e então achavam que a revista era o veículo adequado e davam dinheiro. Mas você vê, aquilo era uma enxurrada de rock aqui para cima, não era o mesmo processo da gente. Não era um processo meu, na *Flor do Mal* ou na *Rolling Stone*, era uma coisa do comércio, de vender disco de rock, indústria cultural. Existe uma diferença quando a gente escolhia os nossos temas de rock na *Rolling Stone*. Eram temas que a gente achava interessante, artistas que mereciam consideração. Na gravadora, não é assim... eles lançam os discos que vão vender mais mesmo, seja bom ou péssimo, piração né? O critério é outro, comercial.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> SCARRETTI, Carlos Antônio. **Classificados de Graça**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no. 19, 05/09/1972, p. 23.

<sup>6</sup> **É só boato**. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.06.

<sup>7</sup> BARROS, Patrícia Marcondes. **A Nova Consciência nos Trópicos e a Imprensa do Desbunde** (entrevista com Luiz Carlos Maciel). [http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras\\_marginalia9.php](http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_marginalia9.php).

Em “Correspondências & Consultório Sentimental” (que depois da edição de número nove, transformou-se na seção “Cartas”), trazia a perspectiva da recepção dos leitores em relação às ideias da revista. A maioria que escrevia para a redação era favorável à publicação, contudo, as críticas foram inevitáveis devido ao momento político vivido e pelo desconhecimento em relação à contracultura. Os críticos geralmente advinham de alas conservadoras da direita ou esquerda, que comumente se referiam à publicação como um ataque estrangeiro, especificamente, norte-americano (por ser intrinsecamente relacionada ao rock e a contracultura) a cultura brasileira:

Senhores:

Tive a infeliz oportunidade de tomar conhecimento do número zero de *Rolling Stone*. Não discuto a eficácia comercial da ideia. Mas culturalmente, trata-se de mais uma iniciativa de caráter tipicamente colonialista. Mais uma vez, a metrópole tenta impor seus produtos à colônia (no caso, discos), disfarçando a manobra através de uma nítida, escandalosa, distorção cultural. Meus pêsames.<sup>8</sup>

Sr. Editor:

Muito bonitinho esse jornal, mas receio que não esteja em boas mãos. Basta de imperialismo no terceiro mundo. Necessitamos de uma imprensa autenticamente brasileira. Precisamos voltar às raízes.<sup>9</sup>

Sr. Editor:

Sabemos de grupos de pessoas que têm escrito cartas e artigos para a RS, sendo os mesmos sistematicamente preteridos em função de matérias absolutamente inofensivas, que não têm nada a ver com nada. Sabemos que o underground brasileiro é, basicamente, um underground de patota, de afirmação de egos. Será que além disso, o RS vai se firmar como jornal “meramente musical”, alienando ainda mais essa já tão contraditória, triste e confusa contracultura nacional?<sup>10</sup>

Sr. Editor

Inicialmente eu deveria dizer maravilhas sobre o jornal, e depois atacaria para me valorizar e depreciá-los. Eu, porém, em contrário, gostaria de estimulá-los, mesmo sabendo que são os mesmos calhordas da turma do *Pasquim*, *Flor*, *Bondinho* e *Presença*, que dão uns rasgos de inteligência na mediocridade da sociedade Maia-Maia.<sup>11</sup>

---

Acesso em 26/03/2015.

<sup>8</sup> **Correspondências & Consultório Sentimental**. Rolling Stone, Rio de Janeiro, no. 01, 01/02/1972, p. 03.

<sup>9</sup> **Correspondências & Consultório Sentimental**. Rolling Stone, Rio de Janeiro, no.03, 29 de fevereiro de 1972, p.03.

<sup>10</sup> **Cartas**. Rolling Stone, Rio de Janeiro, no. 11. 27/06/1972, p.21.

<sup>11</sup> **Cartas**. Rolling Stone, Rio de Janeiro, no. 11. 27/06/1972, p.20.

As maiores polêmicas se relacionavam à ideia de afirmação identitária nacional (um grande embate na época). Com o tempo, o espaço dos leitores na seção “Cartas” foi se expandindo, e os mesmos passaram a trazer contribuições à revista na forma de resenhas de livros e discos, entre outras.

[...] O fato de você estar lendo este jornal mostra que você é diferente dos outros. Um pouco mais inteligente talvez? Mais esquisito? Mais perigoso? Bem, essa é a nossa viagem, mas agora é tempo de você fazer a sua. Envie-nos material sobre a música que você gosta, sobre as coisas que estão acontecendo ao seu redor. Você manda e nós publicamos.<sup>12</sup>

Sobre os leitores e sua participação na seção “Cartas”, Ezequiel Neves afirma que:

[...] A gente recebia cartas dos leitores, tudo “bicho-grilo”, muitos com o raciocínio de um paquiderme, e nós publicávamos as cartas todas. Tinham algumas cartas boas e noventa por cento, imbecilidades: “Ah porque o mundo é assim...” “a natureza está assim...”. Ah, vai trabalhar vagabundo!!!! Mas aí foi maravilhoso também porque a seção ‘Cartas’ passou a ser a parte mais importante da revista. [...] Havia um clima “bicho-grilo” e era uma coisa interessante porque as pessoas mais estranhas do Brasil inteiro compravam a *Rolling Stone*. Às vezes a *Rolling Stone* chegava até Manaus! E olha que às vezes não tinha nem na banca daqui, de Ipanema.<sup>13</sup>

Ezequiel Neves assumia na revista, o papel de crítico musical, assinando as colunas “Toque”, falando essencialmente sobre música e “Notas Ligadas” que informavam em forma de pequenas notas, sobre o *show biz* e temas diversos. Havia também a seção “Discos”, onde foram traduzidas resenhas norte-americanas em alternância com as nacionais (OLIVEIRA, 2002).

No espaço para a discussão de livros, os temas eram os mais variados possíveis: Budismo, Teatro, Cinema, Ecologia, entre outros, vinculados ao horizonte de possibilidades da contracultura. Quanto aos lançamentos da época: de discos, livros, peças teatrais, entre outras manifestações artísticas, existiu o espaço denominado “Serviço”. Ali eram disponibilizados desde roteiros de viagens para os *drop outs* até

---

<sup>12</sup> **SERVIÇO.** Rolling Stone, Rio de Janeiro, no.03, 29/02/1972, p.27.

<sup>13</sup> BARROS, Patrícia Marcondes de. **O jornalismo rocker no Brasil perde seu grande entusiasta:** Ezequiel Neves. <http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/component/content/article?id=773:ezequiel-neves> (Acesso em 26/03/2015)

anúncios de serviços de artesanato, de venda de colchões d'água, endereço de restaurantes macrobióticos, entre outros “serviços” voltados a chamada “nova consciência”.

[...] Nós sabemos que tem muita gente por aí amarrada em viajar, mas que não pode gastar 5 dólares por dia para sobreviver nos Estados Unidos. Por isso resolvemos dar uma mãozinha, dando algumas dicas para viajar sem gastar um tostão. Primeiro o amizade resolve o problema da passagem – como chegar lá. A partir daí deixa com a gente. Estamos iniciando uma série de artigos feitos especialmente para informar ao viajante duro como se virar na terra do tio Sam – usando os mesmos expedientes que a turma que mora lá usa. Procuramos abarcar primeiro as coisas mais importantes: transporte, moradia, assistência médica e moedas úteis. Comida é o mais fácil – sempre se descola, depende de sua inventividade.<sup>14</sup>

Através de artigos como esse, se poderia contemplar a possibilidade de viver a filosofia da contracultura em sua matriz, nos Estados Unidos. Algumas dicas para esta viagem foram selecionadas a partir do livro *Steal this book* (1971) de Abbie Hoffman que na época foi considerado um *best seller*. Consistia em um manual de sobrevivência para quem quisesse se aventurar: transporte (carona), moradia (em comunidades, igrejas, entre outros lugares), entre outras dicas pertinentes aos “viajantes” (Cf. OLIVEIRA, 2002).

Em outra seção da revista intitulada “Classificados de Graça”, podíamos vislumbrar classificados inusitados, alguns até de cunho metafísico...

[...] Sou um verdadeiro gênio renegado. Escrevo peças, poemas, trechos téticos, eróticos e paranoicos. Adivinho o futuro de qualquer pessoa que já pisou a avareza maldita da terra. Eu sou o Profeta do Além e moro num beco confortável da Rua Augusta pegado ao Center 3 – SP.<sup>15</sup>

Em “Som”, discutia-se sobre a tecnologização configurada pelos saudosos *headphones*, pelas “vitrolas” (com duas rotações!) de última geração e pelas “fitas-cassetes” (Cf. OLIVEIRA, 2002):

[...] Simples, leve, portátil e de fácil manejo, o minicassete pegou fogo. Nada de tira rolo, bota rolo, ajusta de cá, ajusta de lá. Era só pegar aquela pequena caixinha de plástico onde ficava a fita, tacar lá dentro e ligar. Era aquela tranquilidade.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> SERVIÇO. Rolling Stone, Rio de Janeiro, no.04, 21/03/1972, p.34.

<sup>15</sup> SERVIÇO. Rolling Stone, Rio de Janeiro, no.10, 13/06/1972, p.27.

<sup>16</sup> SOM. Rolling Stone, Rio de Janeiro, no. 07, 02/05/1972, p.26.

Joel Macedo era o jornalista correspondente da revista que, através da seção “Estrada”, informou aos leitores sobre os movimentos e festivais que eclodiam no contexto contracultural, nos Estados Unidos.

[...] Eu estou escrevendo da grama do *Beach Park* e tentando fazer a minha cabeça para o papel, em português e numa certa ordem, o que está me custando um grande esforço. Tudo é tão simples. Todas essas pessoas passando, com suas mochilas, com suas guitarras, suas tatuagens. Tudo é tão fantástico! [...] de *New Jersey* até *Nebraska* eu vim encontrando *freaks* pela estrada, todo mundo *heading up to Boulder* para o encontro das tribos.<sup>17</sup>

A distribuição da revista ficava sob a responsabilidade de Jefferson “Dropê” e era realizada nas praias, especificamente no Posto 9 de Ipanema (conhecido também como “as dunas da Gal”), em *shows*, entre outros pontos de encontro da juventude “antenada” da época. Com o passar do tempo, aumentou o número de pessoas para realizar a distribuição fazendo-se geralmente o trabalho no chamado “corpo a corpo”. Na edição de número 20 é lançada a coluna “*Free Press*” que contemplava informações sobre o surgimento de outros jornais alternativos brasileiros (Cf. OLIVEIRA, 2002): “[...] Essa é uma coluna aberta ao contato, noticiário e publicações de todo *el pueblo libre del* universo. Piratas, *freaks*, loucos, poetas menores da literatura marginal, cantantes e desafiantes, todos juntos<sup>18</sup>.

O aspecto místico e messiânico característicos da contracultura como forma de desterritorialização, da busca por “reinos fora da história oficial” encontrava, literalmente, seu espaço na revista, na seção iniciada na edição de número 12, intitulada “Horóscopo”, assinada por Sheila Shalders e Telmo de Jesus. Vejam a previsão para o signo de virgem:

[...] No dia 28 vão pintar transas espirituais que devem ser aproveitadas e curtidas. Ligue-se nelas. Ligue-se nelas. Dia 29 terá bastante energia para qualquer atividade. Dia 03 sua tendência a auto-destruição provocará grilos fortes em seu casamento [...].<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> MACEDO, Joel. Estrada. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no.17, 22/08/1972, p. 17.

<sup>18</sup> TOMASSI, Jefferson “Dropê”. *Free Press*. **Rolling Stone**, Rio de Janeiro, no.20, 12/07/1972, p.8.

<sup>19</sup> SHALDERS, Sheila, JESUS, Telmo de. **HORÓSCOPO**. **Rolling Stones**, Rio de Janeiro, no.12, 04/07/1972, p.22.

A tiragem inicial da revista foi de 25 mil exemplares, e com as edições seguintes foi baixando até chegar a 10 mil e apesar de ter formado um público cativo, chegou ao fim em 5 de janeiro de 1973.

A *Rolling Stone* versão brasileira de 1972 tornou-se um grande *happening* dentro do cenário da arte e da cultura brasileira, trazendo novas formas de linguagem, de se fazer jornalismo, com conteúdos desvinculados da imprensa oficial, o que por si só constituiu-se em um aspecto de luta ideológica. "Pedras que rolaram no Brasil nos anos de chumbo".

### **Considerações finais**

Buscou-se através deste artigo analisar de forma geral a revista *Rolling Stone* versão brasileira da década de 1970, no contexto do regime militar e, como a mesma, ofereceu novas formas de resistência e expressão que iam além das ortodoxias de direita e esquerda. O discurso da contracultura corria às margens da sociedade capitalista e tecnocrática e ia além das questões materiais colocadas pela esquerda tradicional, ambicionando um novo entendimento de mundo e ser humano. Abriam-se as possibilidades de reinvenção da existência, de uma nova política partindo do indivíduo ("O pessoal é político"), da inserção das minorias marginalizadas dentro da história oficial, entre outras. Foi considerada por muitos como o último sopro do movimento romântico no século XX. Nasce a partir de então uma nova subjetividade e formas diferenciadas de se fazer resistência política. A revista *Rolling Stone* se aventurou subjetivamente nas novas experiências da contracultura, com a influência do *New Journalism* e de experiências artísticas nacionais, principalmente do Tropicalismo, resultando em novas formas e conteúdos que se abriam além da concepção de jornalismo rocker. Não foi um grande negócio como sua matriz norte-americana, se constituindo, no Brasil, em uma experiência contracultural de público restrito, mediante a desinformação e preconceito em relação à publicação.

Atualmente, podemos verificar o legado deste tipo de imprensa à margem da oficial no mundo virtual com inúmeros blogs, sites e redes sociais que se dedicam a dar visibilidade a assuntos não discutidos pela mídia oficial, manipulada e restrita a fins comerciais e politikeiros. A produção, difusão e recepção desse material propagado pela internet impulsionam os novos movimentos sociais, garantindo a democratização à informação e assim, a efetiva transformação social.

## Referências

BARROS, Patrícia Marcondes de. *A imprensa contracultural made in Brazil: Coluna Underground (1969-1971), Flor do Mal (1971), & a Rolling Stone Brasileira (1972-1973)*. Tese de Doutorado, UNESP, 2007.

BUENO, André Luiz. *Contracultura: As utopias em marcha*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras – PUC, Rio de Janeiro, 1978.

OLIVEIRA, João Henrique de Castro de. *História do Jornal Rolling Stone – versão brasileira (1972-1973)*. Contracultura, censura e primórdios do jornalismo rock no Brasil. Rio de Janeiro, dissertação de Mestrado. Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS), 2002, UFF.

OLIVEIRA, Cassiano Francisco Scherner de. *O criticismo do rock brasileiro no jornalismo de revista especializado em som, música e juventude: Da Rolling Stone (1972-1973) à Bizz (1985-2001)*. Tese de doutorado em Comunicação defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

## Outras fontes

BAHIANA, Ana Maria. A revista Rolling Stone brasileira. *Digestivo Cultural*. Disponível em <http://www.digestivocultural.com/ensaios/> Acesso em 26/03/2015.

BARROS, Patrícia Marcondes. A Nova Consciência nos Trópicos e a Imprensa do Desbunde (entrevista com Luiz Carlos Maciel). [http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras\\_marginalia9.php](http://tropicalia.com.br/v1/site/internas/leituras_marginalia9.php). Acesso em 26/03/2015.

BARROS, Patrícia Marcondes de. O jornalismo rocker no Brasil perde seu grande entusiasta: Ezequiel Neves. Acesso em 26/03/2015.

<http://www.dopropriobolso.com.br/index.php/component/content/article?id=773:ezequiel-neves>

Cartas. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no. 11. 27/06/1972, p.21.

Cartas. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no. 11. 27/06/1972, p.20.

Correspondências & Consultório Sentimental. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no. 01, 01/02/1972, p. 03.

Correspondências & Consultório Sentimental. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.03, 29 de fevereiro de 1972, p.03.

É só boato. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, nº 06. 18/04/1972, p.06.

MACEDO, Joel. Estrada. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.17, 22/08/1972, p. 17.

SCIARRETTI, Carlos Antônio. Classificados de Graça. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro,

no. 19, 05/09/1972, p. 23.

SHALDERS, Sheila, JESUS, Telmo de. HORÓSCOPO. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.12, 04/07/1972, p.22.

SERVIÇO. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.03, 29/02/1972, p.27.

SERVIÇO. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.04, 21/03/1972, p.34.

SERVIÇO. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.10, 13/06/1972, p.27.

SOM. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no. 07, 02/05/1972, p.26.

TOMASSI, Jefferson “Drope”. Free Press. *Rolling Stone*, Rio de Janeiro, no.20, 12/07/1972, p.8.